

## **Cadernos de Cinema: uma proposta de material didáctico de apoio à disciplina de Cinema**

**PEDRO JOSÉ FÉLIX BAPTISTA NEVES**

*Agrupamento Vertical Dra. Laura Ayres, Quarteira*

felix7neves@gmail.com

### **Resumo:**

Na sequência da experiência iniciada em 1997 no Algarve com o programa JCE, começou no ano lectivo 2004/2005 um projecto do ensino do cinema no 3º ciclo do ensino básico, através de uma disciplina de opção artística. Daí resultou a necessidade de reflectir sobre as práticas pedagógicas e sobre os materiais entretanto construídos. Tomou-se então consciência de que o percurso da disciplina poderia ser sustentado por um modelo de manual que sistematizasse o trabalho realizado. A proposta que pretendo apresentar centrou-se na realização de vários cadernos temáticos relacionados com os conteúdos da disciplina e os anos lectivos a que se destinam. Não sendo um manual no sentido tradicional, pretende-se que funcione como um elemento de apoio ao trabalho dos professores, procurando cumprir a vocação transversal da disciplina e contribuindo para as aquisições das competências específicas, nomeadamente: a apropriação das linguagens elementares; o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação, o desenvolvimento da criatividade; e a compreensão das artes no contexto. Desta forma, caberá a cada professor explorar e construir as respectivas tarefas de carácter prático e teórico, bem como os seus critérios de avaliação, que os cadernos não contemplam. Apesar de não ser ainda um projecto acabado, já começou a ser testado fornecendo fotocópias aos alunos. Esta será uma base de trabalho para um projecto de investigação sobre o processo de construção de manuais e a inserção do cinema na escola, tal como a reflexão sobre o ensino artístico nos sistemas educativos modernos, que está a ser desenvolvida na Universidade do Algarve.

### **Palavras-chave:**

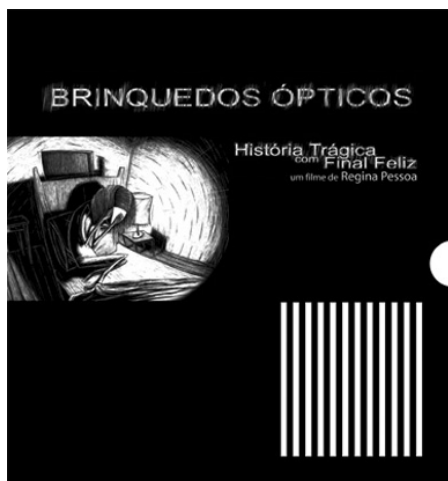
Literacia fílmica, cinema na escola, manuais escolares, recursos didácticos

---

## Porquê um caderno de cinema?

No ano lectivo 2004/2005 a escola E. B. 2,3 de Quarteira tomou a iniciativa, em conjunto com a escola E. B. 2,3 Joaquim Magalhães em Faro, de iniciar um projecto de ensino do cinema como opção artística para o 3º ciclo. Vários factores convergiram para que se verificasse o interesse neste projecto, como a abertura legislativa, o projecto regional JCE (Juventude-Cinema-Escola) em que estas escolas estavam envolvidas, a formação de professores nesta área, participação em concursos, outras experiências escolares com recurso ao vídeo e o interesse dos respectivos órgãos de gestão em projectos inovadores. Quando começou o projecto da construção de uma área curricular opcional de cinema, a primeira preocupação foi a redacção de um programa da disciplina, seguida da execução de recursos para o trabalho com os alunos. Desde então têm vindo a ser feitos diversos textos, fichas de trabalho, DVD's temáticos, planificações, projectos e outras propostas que têm sido sujeitas a alterações, adaptações e em alguns casos até se conclui que deveriam ser abandonadas porque não obtiveram os resultados pretendidos. Estes anos têm sido caracterizados por uma necessidade de constante reflexão sobre o percurso da disciplina, por consciencializar para a necessidade de reconhecimento da vertente audiovisual e da linguagem cinematográfica nos currículos escolares, e por melhorar o ensino artístico para que o cinema deixe de ser olhado com estranheza e passe a ser visto como uma necessidade na formação dos alunos.

Contrariamente ao que acontece em outros países em que já há uma vasta experiência no ensino do cinema, com instituições empenhadas em construir recursos, formar técnicos e pedagogos, e colaborar com as escolas, até ao momento a nível nacional são escassos os recursos, como manuais, outras publicações especializadas, ou edições em vídeo/DVD destinadas especificamente ao ensino do cinema para esta faixa etária. A excepção pode ser feita para a colecção "Os Filmes na Escola" de 1991, por iniciativa do Ministério da Educação de Roberto Carneiro, o kit "IndieJúnior" inserido no "Programa escolas" do Festival IndieLisboa, o projecto *Teaching With Animation* onde participou a Ciclope Filmes criada por Abi Feijó e que também produziu uma caixa com material didáctico baseado no filme de Regina Pessoa *História trágica com final feliz* (imag.1). Destaca-se também a acção de alguns Cineclubes, como por exemplo Avanca, Viseu ou Faro, mas cuja produção é ainda muito reduzida comparada com a excelência de outras iniciativas onde se destaca



imag.1

a acção do grupo Comunicar em Espanha, o British Film Institute em Inglaterra, ou os projectos franceses promovidos pelo Centre National du Cinéma et de l'Image Animée (*École et cinéma, Collège au cinéma e Lycéens au cinéma*) e *Le Cinéma, cent ans de jeunesse* da Cinémathèque Française, em que também estão envolvidas escolas portuguesas a partir da acção da associação Filhos de Lumière. No projecto das escolas do Algarve, os alunos e professores têm-se socorrido de material fotocopiado elaborado nas escolas e de um blog criado exclusivamente para apoio à disciplina<sup>1</sup>. As bibliotecas escolares têm adquirido alguns livros aconselhados pelos docentes, mas o número de volumes sobre cinema ainda é muito reduzido. Destaco o livro

"Cinema" da autoria de Ronald Bergan, por se tratar do mais acessível e mais abrangente sobre o tema para os alunos do ensino básico. Está dividido em vários capítulos, cada um sobre um assunto específico: História do cinema;

Como são feitos os filmes; Géneros de filmes; Cinema mundial; Realizadores de A a Z; Top 100 filmes; Referência (a festivais de cinema); e um Glossário. Na escola de Quarteira foi ainda proposta a assinatura da revista *Premiere*, edição portuguesa, que continha artigos sobre a história do cinema, além das novidades cinematográficas, críticas de filmes e outras secções, mas o responsável da biblioteca optou por uma revista de automóveis e motas em detrimento de uma publicação mensal relacionada com um projecto escolar.

A portaria nº 42/2008 de 11 de Janeiro estabelece no ponto 1, alínea d) que “não há lugar à adopção de manuais escolares” nas áreas artísticas do 3º ciclo. No entanto, apenas se refere à disciplina de Educação Musical como oferta de escola, omitindo as outras opções possíveis. Na Lei nº 47/2006 que regulamenta os manuais escolares, a alínea b) do artigo 3º estabelece que no conceito de manual escolar, este «recurso didáctico-pedagógico» deve “contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico”, estando nele incluídas “propostas de actividades didácticas e de avaliação das aprendizagens” e/ou indicações para os professores, com propostas de trabalho. O artigo seguinte abre a possibilidade de utilização por alunos e professores de «outros recursos didáctico-pedagógicos» autónomos em relação aos manuais escolares. A proposta de cadernos de cinema, apesar de se aproximar de um manual escolar, não se enquadra completamente nesse conceito, porque a opção foi construir um recurso didáctico direccionado para um público mais abrangente. Desta forma, pretende-se que os cadernos não se destinem apenas aos alunos, e conseqüentemente, ao trabalho de uma disciplina, mas a um público mais alargado, apreciador ou curioso de cinema, que pode incluir também outros agentes da acção educativa como os professores de outras disciplinas e os pais dos alunos. Por isso, assumindo que não se trata de um manual, tenderá a ser um recurso pedagógico de apoio ao trabalho com os alunos de cinema, com a propósito de fornecer a informação básica para cumprir os objectivos a que se destina – promover a literacia fílmica nos alunos do ensino básico.

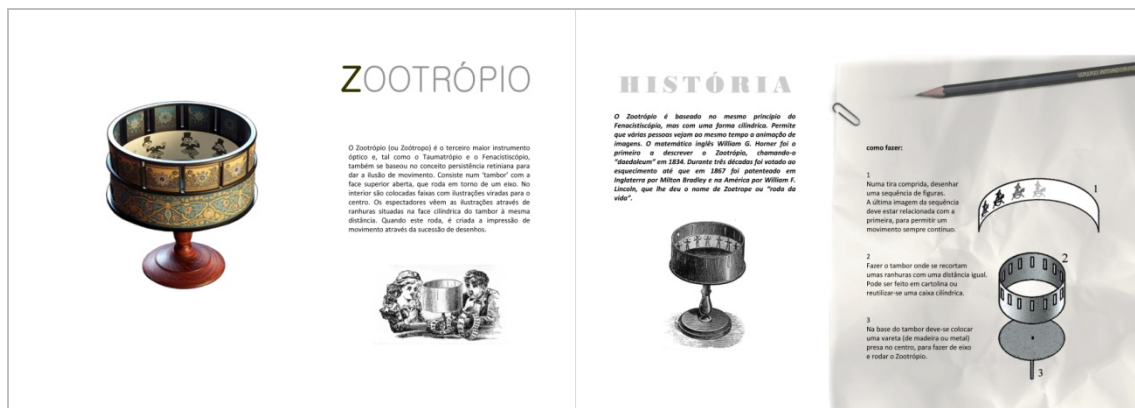
De acordo com as directrizes da Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) para os critérios de apreciação de manuais<sup>2</sup>, os cadernos foram pensados para ter uma estrutura coerente e funcional, relacionando-os com o programa da disciplina e com as planificações. Dada a vocação transversal da disciplina, teve-se em consideração a contextualização dos temas tratados em diferentes áreas do saber de forma a estimular o interesse dos alunos e a participação dos professores. Algumas informações contidas nos cadernos poderão ser usadas pelos professores de cinema e das restantes disciplinas de forma a promover actividades interdisciplinares, assim como devem permitir encontrar estratégias diversificadas de acordo com as características de cada grupo/turma. Quanto ao texto e ilustrações, contendo mais informação do que é possível trabalhar com o reduzido número de aulas disponíveis, foi pensado para ser acessível a diversas faixas etárias, com rigor na pesquisa e com correcção científica. Procurou-se evitar quaisquer situações de discriminação de género, etnias, religiões ou em relação a inferioridades físicas ou intelectuais. O formato foi pensado para ter uma orientação horizontal por influência da posição dos fotogramas na película e no tamanho B5, segundo a norma *ISO 216*, e também porque permite distinguir os cadernos de cinema dos restantes manuais onde predomina a página organizada na vertical.<sup>3</sup> No entanto, como funciona ainda de uma forma provisória com recurso a fotocópias, mantém-se o formato A4. As páginas estão organizadas em duas colunas com o texto justificado (alinhado à esquerda e direita) e uma margem maior no lado exterior, destinado principalmente a ilustrações ou informação complementar. A escolha da fonte recaiu num tipo de letra sem serifa, com a fonte *Gulim* usada nos títulos e o corpo do texto em *Calibri*. A relação entre o espaço destinado ao texto e as ilustrações deve ser equilibrada, para que as imagens se articulem na mesma página com a respectiva informação escrita, numa relação que não perturbe a leitura. Ao longo dos cadernos surge com frequência na margem exterior alguns retratos dos realizadores ou outras personagens citadas

nos textos, procurando dar relevo à vertente histórica, à identificação visual e à noção de autoria. Tem-se procurado adicionar outros elementos informativos significativos ou sugestões de pesquisa, que contribuam para acentuar a dimensão transversal do cinema. Em alguns casos isso tem obrigado a reformulações das páginas. Por se tratar de uma fase experimental e estar em fase de acabamento, não foi ainda sujeito a certificação.

## Descrição dos cadernos

Os cadernos de cinema estão divididos em *Brinquedos Óticos* e *Animação* para o 7º ano de escolaridade, *Cinema Mudo* e *Documentário*, para o 8º ano. No 9º ano, o conceito de caderno é diferente, pensado a partir de uma selecção de filmes que estão no programa. Os cadernos dos 7º e 8º anos, depois de apresentações na Direcção Regional de Educação do Algarve, começaram a ser aplicados faseadamente, como ensaio, faltando ainda concluir algumas partes ao nível da paginação, para depois sofrerem uma remodelação que se pretende definitiva para uma possível publicação.

O primeiro caderno a ser aplicado foi sobre o chamado *pré-cinema*, que corresponde a um conjunto de instrumentos, processos ou invenções que contribuíram para o aparecimento do cinema. É também o mais pequeno, constituído por apenas 18 páginas. Depois de uma pequena introdução, as primeiras páginas apresentam as *sombras chinesas* ou *marionetas de sombras*, como um dos espectáculos mais ancestrais onde imagens em movimento contando histórias são projectadas sobre uma tela. Seguem-se a *Câmara Escura* e a *Lanterna Mágica* que deram origem respectivamente às câmaras ou máquinas fotográficas, depois às câmaras de filmar e aos projectores. A partir daqui são referidos um conjunto de 'brinquedos' ou instrumentos que contribuíram para a percepção do movimento e que em alguns casos se mantiveram depois de o cinema já ter dado os primeiros passos: o *taumatrópio*, o *fenacistiscópio*, o *zootrópio*, o *praxinoscópio* com a referência a Émile Reynaud e às suas Pantomimas Luminosas como sendo as primeiras projecções públicas de "desenhos animados de longa duração e complexas narrativas"<sup>4</sup>. O caderno termina com o *flip-book* e o *mutoscópio*. Como se trata do primeiro caderno e simultaneamente do mais pequeno, optou-se por uma mancha gráfica com margens amplas para que a os textos e imagens 'respirem' nas páginas. A estrutura destes cadernos foi concebida para que a informação de cada objecto ou tema se apresentasse em página dupla (par/ímpar) com uma breve descrição de cada um seguido do respectivo enquadramento histórico. Na metade exterior de cada página ímpar surge a indicação de um esquema, de uma 'proposta de execução', ou uma ilustração complementar <sup>(imag.2)</sup>. Em alguns casos o leitor (ou aluno) pode construir os 'brinquedos' de forma desenvolver os seus conhecimentos e a explorar as potencialidades desse instrumento.



imag.2

ilustração de uma página do caderno Pré-cinema.

Para complementar a informação destas páginas em contexto de aula, pode ser proposto aos alunos o visionamento de excertos de alguns filmes incluídos na colecção de DVD's *Media Magica* (2004) da autoria de Werner Nekes<sup>5</sup>, ou o filme dos estúdios Disney *The Story of the Animated Drawing*, um episódio do programa de televisão Disneyland de 1955, em que o próprio Walt Disney apresenta a evolução da animação a partir das imagens pré-históricas das grutas de Lascaux até às longas-metragens de sucesso dos estúdios Disney na década de 1940. Para complementar a importância destas invenções que antecederam o início do cinema também se pode fazer uma chamada de atenção para a influência que o pré-cinema tem tido em diferentes manifestações artísticas mais recentes. Como exemplo, podem ser propostos para visionamento filmes de animação de recortes de Lotte Reiniger, ou de Michel Ocelot, cuja referência às sombras chinesas é óbvia, tal como as instalações da artista norte-americana Kara Walker. Relativamente ao *fenacístoscópio* e *zootrópio* é aconselhável o videoclip para a música *Crosses* do grupo Zero 7. Outros vídeos poderão ser pesquisados ou sugeridos pelos alunos tal como aparelhos óticos com carácter didáctico relacionados com a imagem em movimento. Com o pequeno caderno *Brinquedos Óticos* pretende-se introduzir uma dimensão histórica e simultaneamente didáctica numa primeira abordagem ao fenómeno cinematográfico.

O segundo caderno referente ao programa do 7º ano de escolaridade, centra-se nos meios expressivos que contribuem para a ilusão de movimento em conjunto com a perspectiva histórica do cinema de animação. É constituído por vários capítulos, a saber: processo de execução; técnicas tradicionais; computador; técnicas experimentais; banda desenhada e cinema. Deste caderno fazem ainda parte um apontamento sobre festivais de animação, uma listagem cronológica dos filmes citados ao longo do manual, um pequeno glossário e a informação bibliográfica. A distinção entre técnicas tradicionais, computador e técnicas experimentais resultou da opção de agrupar os diferentes meios expressivos. Assim, considerou-se como tradicionais as técnicas mais ancestrais na história do cinema de animação, aquelas que os primeiros animadores utilizaram na realização dos seus filmes, apesar de ainda hoje estarem presentes em filmes de autor ou com carácter mais experimental. É o caso do desenho, da animação de volumes, vulgarmente designada por stop-motion e os recortes. Foi ainda incluída nesta secção a rotoscopia, que apesar de não ser uma técnica como as restantes, é sobretudo um método auxiliar que permite aos animadores a reprodução do movimento em desenho a partir do registo da imagem real. O CGI (Imagem gerada por computador) merece um capítulo à parte por ser relativamente recente, mas já muito difundida no universo da animação, pelas possibilidades tecnológicas que introduziu na criação do movimento e

por uma estética que lhe está associada. As técnicas experimentais são associadas essencialmente às produções de autor e incluem as restantes que não estão incluídas nos conjuntos anteriores. Se é verdade que todas as técnicas tiveram um período experimental e podem ser mais ou menos expressivas, a utilização das técnicas do gesso, da areia, da animação directa em película, do ecrã de pinos, da pixilação, ou da pintura sobre vidro, representa um universo muito mais restrito de curtas-metragens e que não se enquadra nas grandes produções cinematográficas. O texto do caderno é evidentemente acompanhado por referências a filmes e autores que têm marcado o percurso da animação mundial, com sugestões de visionamento de filmes desde as *Pantomimas Luminosas* de Emile Reynaud, os filmes de imagem real e animação iniciados nas experiências de Stuart Blackton, o experimentalismo de Norman McLaren no NFB/ONF do Canadá até aos grandes clássicos da Disney ou super-produções recentes de animação principalmente em computador. Não podia deixar de indicar também algumas séries televisivas e videoclips mais significativos, bem como as diferentes áreas geográficas onde o cinema de animação se manifesta, como os Estados Unidos, o Japão, alguns estúdios europeus, as animações de volumes dos países do leste europeu, mas também a China, a Argentina e obviamente, a animação portuguesa.



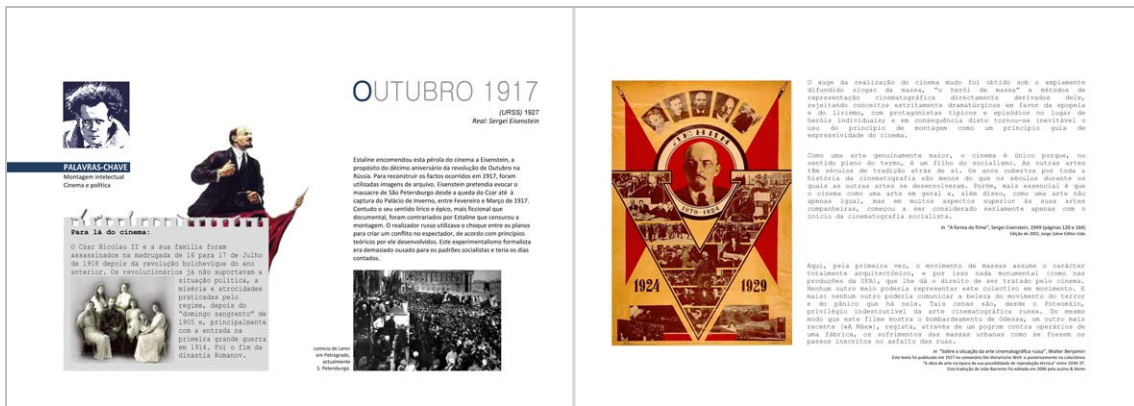
imag.3

ilustração de uma página do caderno Animação (Stop-motion).

Neste caderno estão ainda incluídos dois capítulos direccionados para o conhecimento da linguagem cinematográfica e das actividades relacionadas com o cinema de animação. O primeiro descreve sucintamente o processo de execução de um filme, tendo como referência o filme *Persepolis* (2007) de Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud. No final do caderno um outro capítulo relaciona a animação com a banda desenhada fornecendo informação sobre a escala de planos e a angulação. Termina com um exemplo de uma página de um guião do filme *Toy Story* (1995) dos estúdios Pixar traduzida para português e uma informação sucinta sobre como redigir um guião cinematográfico. Os filmes citados ao longo do caderno estão ordenados por décadas, para os estudantes terem uma perspectiva cronológica da evolução da animação mundial. Nesta lista são referidas também as técnicas, autores e metragem.

A proposta de caderno distribuída aos alunos que frequentam o oitavo ano centra-se no cinema mudo, ou seja, as personalidades, filmes, acontecimentos e linguagem do cinema das primeiras três décadas do cinema e corresponde ao período em que se criou a linguagem do cinema. Os cinco capítulos que constituem este caderno fornecem informação sobre a história da fotografia, o primeiro cinema, a forma como se desenvolveu com a criação dos grandes estúdios e o nascimento do star system, os filmes que ficaram na história da sétima arte e que se tornaram filmes de culto e ainda a importância da montagem na última fase da construção do filme, aquela que para Martin

“constitui o elemento mais específico da linguagem fílmica”<sup>6</sup>, ou, como refere Deleuze, a filosofia do cinema associada à sua técnica, a imagem do tempo<sup>7</sup>.



imag.4

ilustração de uma página sobre o filme Outubro 1917 do caderno Cinema Mudo

Para complementar a informação escrita, um conjunto de imagens ajuda a contextualizar através de retratos das personagens mais significativas (fotógrafos, realizadores, actores), planos de filmes, cartazes, locais, e outras ilustrações. Na relação com as personalidades citadas, não poderiam deixar de se valorizar também algumas profissões envolvidas na actividade cinematográfica: argumentista, fotógrafo, realizador, actor, montador. A correspondência que o cinema começou por estabelecer neste período com outras áreas do conhecimento está presente com as chamadas de atenção para alguns textos literários, quando se analisa a importância da fotografia para o surgimento das primeiras experiências com imagens em movimento, com as artes visuais nas referências a pinturas e cartazes, ou ainda no enquadramento histórico e geográfico. Tal como acontece com o caderno de animação, no final é apresentada uma cronologia cinematográfica baseada nos filmes citados ao longo das cerca de 60 páginas.

Um segundo caderno destinado ao oitavo ano, mas que ainda não foi fornecido aos alunos, aborda o género documental na sua evolução, nos seus conceitos mais significativos e modos como se manifesta. Apesar do maior fascínio dos jovens pelos filmes de acção, e pela maioria dos géneros ficcionais em comparação com os documentais, por ter menor distribuição e ser conotado com cinema de autor, é fundamental dar a conhecer este género, até porque está mais acessível a pequenas experiências que eles por vezes realizam em diversos contextos extra-escolares. Actualmente há grande facilidade em aceder a dispositivos de gravação de imagens em movimento e registar as situações do quotidiano a qualquer hora e em qualquer lugar. O caderno sobre o documentário contribui para o conhecimento da história e linguagem cinematográfica e pode ajudar a desenvolver um sentido mais crítico sobre a imensa quantidade de informação audiovisual que é absorvida diariamente.

Um outro nível de análise é proposto para o nono ano, com uma temática centrada numa selecção de filmes referenciados no programa da disciplina, iniciando com *The Jazz Singer / O Cantor de Jazz* (1927) de Alan Crosland e terminando com *Inglourious Basterds / Sacanas sem lei* (2009) de Quentin Tarantino. Os cadernos para este último nível do percurso da disciplina ainda se encontram em construção com uma estrutura muito próxima da que foi apresentada no projecto *école et cinema* e também no programa JCE. Um conjunto de textos que inclui a ficha técnica, notas críticas, artigos de opinião, entre outros, acompanha análises da linguagem cinematográfica,

diferentes de filme para filme e temas susceptíveis para reflexões sobre diversas questões transversais ao currículo. Este conjunto de recursos deverá permitir que os alunos desenvolvam um trabalho de projecto – a experiência de produzir e realizar um pequeno filme, na conclusão do seu percurso nesta área artística.

### Exemplos de aplicação dos cadernos:


Foi já referido que não se tratando de um manual comum, tal como ele é concebido e aplicado nas várias disciplinas, a utilização destes cadernos deve visar a aquisição de conhecimentos da área do cinema, mas numa perspectiva transversal, e permitir ainda que a informação nele contida possa ser usada na construção de mais recursos didácticos com carácter prático, de acordo com os

**Ficha de trabalho**  
Tema de animação

1. Visione o filme do realizador brasileiro Marcos Magalhães "Animando". Foi em 1983 no National Film Board (ONF) do Canadá. Este filme está disponível em [http://www.onf.ca/films/animando\\_english](http://www.onf.ca/films/animando_english)

2. Por baixo de cada fotografia, indica a técnica respectiva.

3. Abaixo das técnicas de apresentação no filme, há espaços que são utilizados por realizadores de animação. No rectângulo de baixo, escreve as suas ideias.



**Proposta de trabalho final**  
DOCUMENTÁRIO POÉTICO

**CINEMA**  
A partir do filme "Manhatta" (1921) de Paul Strand e Charles Sheeler, os alunos devem realizar um pequeno vídeo com uma estrutura semelhante.

**LÍNGUA PORTUGUESA**  
No âmbito do estudo da LINGUAGEM QUANTITATIVA e da LINGUAGEM POÉTICA, produzir um que seja concebido em texto com um tema escolhido pelos alunos.


**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**  
Tradução dos textos elaborados em L. P.

**ÁREA DE PROJECTO**  
Os temas escolhidos podem servir de base para este trabalho. Além disso, a área de Projecto em IP tem sido vocacionada para as Tecnologias de Informação e Comunicação, podendo os alunos desenvolver a edição em vídeo.

**Trabalho realizado numa possível articulação entre as disciplinas de Cinema, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras e Área de Projecto.**

O trabalho será executado em grupo e apresentado no final do ano em data a definir.  
O filme não deverá ter mais de 5 minutos e menos de 3 minutos.  
Cada trabalho deverá ser acompanhado de uma memória descritiva (um pequeno texto que justifica as opções tomadas).

**Para consultar:**  
Caderno Documentário (Lúcia VARGAS) e Caderno Cinema Muito (Luís VENTURA)



imgs.5 e 6

propostas de actividades para o 7º ano e 8º ano

acesso ao filme *Animando* do brasileiro Marcos Magalhães, realizado em 1983 durante um estágio no NFB/ONF do Canadá.

Mas é no oitavo ano que o sentido transversal se pode manifestar com maior intensidade relacionando o cinema com as outras disciplinas do currículo. No segundo ano da frequência da disciplina de cinema, é proposto aos alunos a construção de um documentário poético envolvendo a língua materna e a área de projecto, depois do visionamento do filme *Manhatta* (1921) de Paul Strand



e Charles Sheeler e leitura de estrofes do poema *Leaves of Grass* de Walter Whitman. Uma outra sugestão parte do visionamento do filme *Nosferatu* (1922) de F. W. Murnau. Este filme permite uma grande articulação com outras áreas, nomeadamente na literatura com a óbvia referência ao livro *Drácula* (1897) de Bram Stoker, nas artes plásticas com o movimento expressionista, nas citações em filmes mais recentes que utilizam enquadramentos e iluminação semelhante ao filme de Murnau, ou ainda nas referências com a música, bem expressas nos temas, no ambiente visual e até sonoro dos telediscos dos chamados grupos góticos dos anos 80 do século passado. Nos conteúdos da Língua Portuguesa que se referem à leitura e escrita, deve ser proposto aos alunos que desenvolvam práticas de escrita, respeitantes a situações específicas, e que tomem consciência da necessidade de compreender as normas de construção de determinados textos. Depois de tomarem conhecimento da obra cinematográfica e da obra literária, é proposto aos alunos a transposição de um excerto do livro para guião, para o qual pode ainda ser consultado o capítulo do caderno de animação (7º ano) sobre Banda Desenhada e Cinema. Ainda sobre este projecto abrangente, os alunos são convidados a executar em Educação Visual uma ilustração para um cartaz, uma capa de DVD, e uma t-shirt após a apresentação de slides com imagens sobre o tema. Ora, este modo de funcionar interdisciplinar deve ir ao encontro da necessidade de combater algumas fragilidades que o nosso sistema de ensino em geral e a escola em particular não têm conseguido dissipar, como seja o princípio da redução<sup>9</sup> que levou à compartimentação dos saberes, à primazia dos problemas técnicos e particulares em detrimento da novidade e da invenção, e, numa outra perspectiva, as lacunas que os nossos alunos têm demonstrado, como tem sido sistematicamente expresso em testes nacionais e internacionais. Estas dificuldades situam-se “ao nível da capacidade de desenvolver raciocínios mais complexos, na resolução de problemas, especialmente quando têm de aplicar conhecimentos adquiridos a situações menos usuais”<sup>10</sup>. O relatório recente do GAVE11 (Gabinete de Avaliação Educacional do Ministério de Educação) coordenado por Helder Diniz de Sousa em 2010, quando se refere à língua materna e à matemática também confirma estes dados.

Os jovens vêm a escola actual como um espaço de imposições, com um sistema demasiado hierarquizado, onde o saber está fragmentado e é muito menos apelativo do que a realidade para lá dos muros da instituição, provocando tensões, indisciplina e insucesso. Para somar, a situação do recém-criado agrupamento vertical de escolas Dra. Laura Ayres de Quarteira não é brilhante, uma vez que os resultados académicos dos seus alunos se têm situado continuamente na cauda do concelho de Loulé. Como o cinema é visto pelos alunos sobretudo como entretenimento, a criação de uma nova área curricular centrada na linguagem fílmica trouxe uma certa estranheza e descentramento<sup>12</sup>, porque isso implica novos conteúdos, novas competências a adquirir, outras actividades a realizar e mais momentos de avaliação. O trabalho a efectuar com a disciplina de cinema e os recursos didáctico-pedagógicos que lhe estão associados, poderá e deverá dar um contributo importante na criação de um novo paradigma de escola, mais democrática, inclusiva e apelativa.

<sup>1</sup> disponível em: <http://www.cinemano3ciclo.blogspot.com/>

<sup>2</sup> disponível em: <http://www.dgicd.min-edu.pt/manuaiscolares/Paginas/criterios.aspx>

<sup>3</sup> O formato horizontal terá também alguma afinidade com os cadernos Lycéens et apprentis au cinéma, disponíveis para consulta em: <http://www.cnc.fr/Site/Template/T8.aspx?SELECTID=3470&ID=2434&t=3>

<sup>4</sup> Robinson, 1996, p.141 Catálogo da exposição *A Magia da Imagem*

<sup>5</sup> Informação sobre o realizador e colecionador Werner Nekes em: <http://www.wernernekes.de>

<sup>6</sup> Martin, 2005, p.167

<sup>7</sup> Deleuze, 2009 pp.53-91

<sup>8</sup> A opção tem recaído no filme australiano *Local Dive* de Sarah Watt

<sup>9</sup> Morin 2002, pp. 46-47

<sup>10</sup> Justino, 2010, p.75

<sup>11</sup> disponível em: [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=350&fileName=TI\\_2010\\_ReportNet.pdf](http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=350&fileName=TI_2010_ReportNet.pdf)

<sup>12</sup> Martín-Barbero, 2003, p. 19

**Referências bibliográficas:**

- António, L. (coord.) (1998). O Ensino, o Cinema e o Audiovisual. Porto: Porto Editora.
- Amar, P. J. (ed.) (2007). História da Fotografia. Lisboa: Edições 70.
- Baker, J. e Toland, P. (2007). Teaching Film at GCSE. Londres: British Film Institute.
- Bergala, A. (2006). L'hypothèse cinéma. Paris: Petite bibliothèque des Cahiers du cinéma.
- Breschand, J. (2002). Le Documentaire. L'autre face du cinéma. Cahiers du cinéma/Les Petits Cahiers, SCÉRÈN-CNDP.
- Calado, I. (1994). A utilização educativa das imagens. Porto: Porto Editora.
- Capucho, C. (2008). Magia, Luzes e Sombras. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Deleuze, G. (ed.) (2009). Cinema 1. A Imagem-movimento. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Génin, B. (2005). Le Cinéma D'Animation. Cahiers du cinéma/Les Petits Cahiers, SCÉRÈN-CNDP.
- Justino, D. (2010). Difícil é Educá-los. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Lobo, M. G. (1999). Formação de público para o cinema. Tese de mestrado. Faro: Universidade do Algarve.
- Marie, M. (2005). Le Cinéma Muet. Cahiers du cinéma, SCÉRÈN-CNDP.
- Martin, M. (ed.) (2005). A Linguagem Cinematográfica. Lisboa: Dinalivro.
- Martín-Barbero, J. (2008). Saberes hoje: Disseminações, competências e transversalidades, in Comunicação e História – interfaces e novas abordagens. coord. Ana Paula Goulart Ribeiro e Micael Herschmann. Rio de Janeiro: Editora Mauad.
- Morin, E. (ed.) (2002). Os sete saberes para a educação do futuro. Lisboa: Instituto Piaget.
- McLuhan, M. (ed.) (1972). Classroom without walls. in Explorations in Communication. coord. Edmund Carpenter e Marshall McLuhan, Boston: Beacon Press.
- Newman, J. e Stafford, R. (2002). Reading Films. Key concepts for analysing film and television. Londres: British Film Institute,
- Prats, L. (2005). Cine para educar. Barcelona: Belacqua de Ediciones y Publicaciones S. L.
- Reia-Baptista, V. (2002). A Pedagogia dos media. A dimensão pedagógica dos media na Pedagogia da Comunicação: o caso do cinema e das linguagens fílmicas, Tese de Doutoramento. Faro: Universidade do Algarve.
- Robinson, D. (1996). 'Acerca de uma classe particular de ilusão óptica – A evolução do movimento cinematográfico', In A Magia da Imagem – A arqueologia do cinema através das colecções do Museu Nacional do Cinema de Turim, Lisboa: Centro Cultural de Belém
- Sánchez, E. (2002). Aprender com el Cine, aprender de película – Una visión didáctica para aprender e investigar com el cine. Huelva: Grupo Comunicar Ediciones.